timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO XIV PREÇO AVULSO: 120$00 Nº 145 FEVEREIRO 1998

SECA AGRAVA CARÊNCIAS EM TIMOR

A grave seca que afecta a região do Sueste Asiático está a transformar-se, em Timor Leste, numa séria ameaça de fome.

Há largos meses que a região do Sueste Asiático se debate com uma das mais graves secas da sua história recente.

Ela contribuiu, de forma decisiva, para a proliferação dos enormes fogos florestais que devastaram a Indonésia no último semestre do ano passado. E foi, também, responsável pelo fim de um dos mitos mais queridos do regime de Suharto, a auto-suficiência na produção de arroz, elemento base na alimentação do povo daquele país. Em finais de 97 o governo de Jacarta foi obrigado a importar dois milhões de toneladas daquele cereal, no momento em que os primeiros açambarcamentos e assaltos a lojas e armazéns ocupavam as ruas das cidades e vilas, um pouco por toda a Indonésia.

Mas a seca atingiu também, de uma forma não menos dramática apesar de menos referida pelos meios de comunicação internacionais, outros pontos da região, expondo a fragilidade - ou, melhor dizendo, o falhanço - de modelos de desenvolvimento que os deixam sem defesa perante adversidades como estas. É o caso de Timor Leste.

ESTAÇÃO DAS CHUVAS SEM ELAS

Em Novembro inicia-se em Timor a chamada estação das chuvas que se prolonga até Abril do ano seguinte.

Este ano, porém, a dita estação não se fez acompanhar de queda pluvial suficiente para as necessidades agrícolas, ameaçando mesmo pôr em risco o abastecimento de água potável às populações.

neste número:

SECA EM TIMOR LESTE

CDPM LANÇA CD «RAI TIMOR»

INDONÉSIA: O VELHO E A BRUMA (II)

BRASIL: ENLACE MUSICAL

As regiões mais afectadas do território são as faixas costeiras e, particularmente, a ilha de Ataúro que, na década de oitenta, funcionou como um enorme campo de concentração. As zonas montanhosas têm sido as menos atingidas por esta calamidade.

Para alertar o mundo sobre a situação que se vive presentemente em Timor, o Prémio Nobel da Paz Ramos-Horta promoveu uma conferência de imprensa na Austrália onde chamou a atenção da opinião pública para o drama vivido no território.

À PROCURA DA SOBREVIVÊNCIA

Nesse encontro com os órgãos de comunicação social, Ramos-Horta fez uma breve descrição da situação vivida em algumas das regiões do território.

O distrito de Díli tem sido um dos atingidos pela falta de chuva. A continuar a seca haverá problemas no fornecimento de água às populações. Na região montanhosa que cerca a capital, após a sementeira que se seguiu às primeiras chuvas de Dezembro, não voltou a chover, encontrando-se seriamente ameaçada a cultura de cereais.

Nos distritos de Aileu, Ainaro, Bobonaro e Ermera, as culturas floriram, embora pouco. Se o nível pluviométrico não voltar ao normal as colheitas serão muito fracas, insuficientes para atender às necessidades das populações.

A região de Liquiça apresenta-se como uma das mais atingidas pela crise. Ao longo de toda a faixa costeira Norte, desde Batugadé até Baucau, passando por Liquiça e Manatuto, as populações já estão sendo obrigadas, para sobreviver, a alimentar-se de folhas e de raízes.

Na ponta Leste, abrangendo as áreas de Tutuala e Lautém, as reservas alimentares há muito que se esgotaram, levando as populações a deslocar-se para outras regiões à procura de fontes de subsistência.

No distrito de Covalima, zona onde existem numerosos aldeamentos de transmigrantes vindos de várias partes da Indonésia, a situação não é tão grave dado que os sistemas de irrigação têm conseguido aproveitar alguma da chuva das zonas montanhosas para os arrozais. Nota-se, no entanto, a

venda de gado por parte da população local para arranjar dinheiro para comprar comida, o que não deixará de ter graves implicações no seu nível de vida a médio prazo.

ATAÚRO: DESASTRE COMPLETO

Na ilha de Ataúro, a cerca de uma trintena de quilómetros de Díli, a situação é de desespero.

As reservas alimentares chegaram ao fim e, em algumas zonas desta pequena ilha, os jovens têm partido para Díli à procura de trabalho que garanta o sustento das suas famílias. Mas a crise económica que atravessa a Indonésia repercute-se em Timor, afectando gravemente o mercado de trabalho local.

No final de Dezembro, o governo de Jacarta fez distribuir por cada habitante da ilha 1 kg de arroz, uma medida manifestamente demagógica dadas as carências existentes.

A agravar esta situação, o gado caprino, um dos principais bens utilizados pela população local nas suas transacções comerciais com Díli, foi vítima de uma enorme mortandade que reduziu drasticamente os rebanhos. E no último trimestre de 1997 a peste suína chegou à ilha fazendo grandes razias entre as varas de porcos.

Vivendo Ataúro uma economia de subsistência, a ausência de reservas dificulta o recurso a mercados externos como o da capital do território. Por outro lado, a fome está a fazer cair a população numa desesperada letargia.

As escolas, entretanto, ou foram fechadas ou viram o seu horário de funcionamento reduzido.

INCÓMODOS INTERNACIONAIS

Ciente de que a dramática situação vivida no território não deixaria de chamar as atenções internacionais, o governo indonésio iniciou de imediato diligências visando mostrar o seu empenhamento na resolução do problema da fome.

Em visita ao território no princípio do mês de Fevereiro, o representante permanente da Indonésia nas Nações Unidas, o embaixador Makarim Wibisono, alertou para o facto de «*todas as iniciativas de desenvolvimento na província*» estarem a «*ser acompanhadas no estrangeiro*» e poderem «*ser manipuladas por grupos anti-integracionistas para desacreditar o govêrno indonésio.*» (*Antara*, 12/2/98).

O motivo da deslocação do embaixador, de acordo com a agência noticiosa oficial, foi o de observar as acções levadas a cabo pelo governo 'provincial' para debelar a situação em Ataúro, «*visitar as vítimas da escassez de alimentos*» e «*recolher informações sobre o impacto da crise económica na província.*»

Na ocasião, o governador nomeado por Jacarta, Abílio Osório Soares, disse aos jornalistas que as autoridades locais tinham enviado para Ataúro «*10 toneladas de arroz*». Lembrou que o embaixador norte-americano acreditado na capital indonésia, J. Stapleton Roy, que recentemente esteve em Timor Leste, tinha oferecido 25.000 dólares americanos a favor «*das vítimas da escassez alimentar*».

«RAI TIMOR»

A Comissão para os Direitos do Povo Maubere, no Porto, editou um disco com o nome *Rai Timor* [Terra de Timor]. A partir de uma recolha de música tradicional timorense, feita pelo maestro e compositor Simão Barreto, nascido e criado em Timor, músicos portugueses concretizaram neste disco um percurso, que vem desde uma apresentação pública logo após o massacre de 1991, em que tocaram peças para o momento e em que Margarida Magalhães cantou um tema timorense. O desafio de trabalharem mais na música de Timor foi tomando a dimensão de quem queria envolver-se solidariamente, no que em princípio era "estranho" musicalmente. Diz Cândido Lima, um dos músicos envolvidos neste projecto: «*Olhei meses a fio estas melodias. Tratá-las como fiz em estudante? Como ouvi-las na sua simplicidade original e com o meu prazer de hoje, com todo o peso da formação de um compositor? Como conciliar os dois graus de expressão humana? Meses de desconforto e de expectativa. (...) Foi um exercício cívico, ético, e também um exercício de criação, de cultura, (de psicologia humana e de grupo de intérpretes). Foi um gesto de silêncio, à vida, à memória, à liberdade. As palavras foram apenas sons. A homenagem situa-se num lugar à margem, na profundidade do sentido humano*».

Na "Casa das Artes", no Porto, no dia 28 de Dezembro de 1997, estes trabalhadores da música, em apresentação pública do disco, mostraram que a coragem faz esquecer as dúvidas e as dificuldades e que valeu a pena a Margarida Magalhães ter persistido: «*Divulgando algum património musical timorense, este disco procura ser um símbolo de solidariedade com um povo irmão.*» [Margarida Magalhães]

O disco tem harmonizações e arranjos de António Sousa Dias, Cândido Lima, Eurico Carrapatoso, José Luís Borges Coelho, Simão Barreto e Eduardo Lopes. São intérpretes os sopranos Amélia Lopes e Margarida Magalhães; os mezzosopranos Deolinda Resende e Maria José Jaloto; os tenores Adriano Brito e Daniel Pedro Oliveira; os barítonos Guilhermino Monteiro e João Merino; na flauta Pedro Couto Soares; na percussão Eduardo Lopes e no violino Cunha e Silva. A direcção musical dos coros esteve a cargo de J. L. Borges Coelho.

A coordenação do projecto foi assumida por Margarida Magalhães. As gravações foram efectuadas nos Estúdios Fortes e Rangel, com as misturas pelos compositores e Fernando Rangel.O design gráfico foi de Rui Aguiar e a execução de Rainho & Neves, Lda.

A iniciativa contou com os apoios da Casa das Artes (Porto) e do Inatel (Porto).

Ao preço de 2.600$00, o CD pode ser encontrado: Porto - UNICEPE (Cooperativa Livreira de Estudantes do Porto)-CAL-128, Praça de Carlos Alberto, 4050 Porto, telefone: (02)2056660; Discoteca Lumiere, Loja 5, R. José Falcão, 151, 4050 Porto, telefone - (02)3320123; Missaticum - Empresa de Vendas de CD, R. da Venezuela, 146, 1ºDtº, 4150 Porto, telefone: (02) 6002380. Lisboa - CDPM, R. Pinheiro Chagas, 77, 2º Esq., 1050 Lisboa, telefone: (01) 3172860 (atendimento de 2ª a 5ª feira das 15H às 18H30).

O VELHO E A BRUMA (II)

Concluimos hoje o artigo de Goenawan Mohamad, ex-editor Chefe da revista Tempo, *onde ele analiza o que se seguirá a Suharto.*

«Chegamos à eterna questão: quem e/ou o quê se seguirá após Suharto deixar o poder? Haverá realmente uma era pós-Suharto? Sem acesso aos desígnios secretos de Suharto ou de Deus, o melhor que podemos fazer é tactear o caminho na bruma, que é a minha metáfora para a incerteza presente. A personalização da autoridade que marca os últimos dias do regime leva-nos a pensar que o sistema, se é que ele existe de facto, será lançado no caixote do lixo da História assim que Suharto sair de cena e que uma estrutura totalmente nova o substituirá.

A Indonésia não é a China. A morte de Mao, o Grande Timoneiro, não causou uma ruptura com o formato político existente. A China tinha um partido dirigente com algum grau de independência do seu presidente (precisamente a razão porque Mao pensou em destrui-lo quando incitou os guardas vermelhos à revolta na Revolução Cultural). A independência significou poder real que permitiu ao partido sobreviver à perda de Mao. Além disso, a China tinha uma geração de dirigentes com legitimidade histórica. Eram membros da elite do partido antes mesmo da Longa Marcha para Yenan. Deng Xiaoping era um deles e mais tarde usou a estrutura de poder desenvolvida por Mao para fazer algo a que Mao se teria oposto categoricamente.

Ao contrário, o Golkar é simplesmente uma máquina eleitoral usada uma vez de cinco em cinco anos. Suharto tem completo poder sobre ele. Não tem ninguém com quem competir, ninguém que desafie a sua política, seja no interior ou no exterior dos seus apaniguados. Nem mesmo no exército.»

NADA DE NOVO SE PREPARA

«O exército já não é o que era. Antes de 1966 o seu comando tinha que enfrentar um eficiente e mortífero rival, o PKI (Partido Comunista da Indonésia). A sobrevivência era uma questão real, que o levou a desenvolver-se como um poder alternativo, com uma agenda política própria e que procurava apoios e apoiava outras forças políticas da sociedade indonésia. Neste processo apurou as suas capacidades de negociação com pessoas com ideias diferentes. No presente, o exército não tem problemas de sobrevivência. Deixou também de se ver como um poder político alternativo, com uma visão de futuro. De certa forma tornou-se apolitizado e limita-se a seguir os ditames do Comandante Supremo. Os seus conceitos e léxico políticos são clichés residuais do passado. Quando lida com comunidades políticas civis mostra dificuldades em ouvir pontos de vista diferentes dos seus, talvez porque nas últimas três décadas esteve sempre em posição de dar a ordem para atirar. Ainda se orgulha da qualidade dos seus dirigentes mas o povo já há muito deixou de se interrogar se numa verdadeira crise estarão à altura da classe dos executivos do sector privado (ou de algumas ONG), que são altamente qualificados, tanto tecnicamente como em termos de adaptação social, e que não desconhecem o risco. São eles, e não os oficiais do exército, quem tem a formação e experiência necessária para lidar com um mundo dominado pelo comércio. Também não é segredo que os melhores estudantes já não escolhem a academia militar como primeira opção para o ensino superior. Em resumo, o exército não tem um futuro nem melhor nem pior que o Golkar.

Receio que a Indonésia não tenha senão um alarmante pequeno número de dirigentes potenciais com algum grau de ingenuidade para sobreviver no muito complexo século XXI. Comparando com a Malásia ou com Singapura, os quadros de topo da Indonésia são de qualidade inferior. Julgo que eles terão dificuldades em manter o formato político estilo-Suharto, quanto mais para criar o seu. Correndo o risco de fazer um presságio previsível diria que, no fim, o sistema pode-se desintegrar, gradual ou subitamente, mas nada de inspiradamente novo se está a preparar. A Indonésia tem uma boa oportunidade para se tornar o próximo "doente" do Sueste Asiático.

A confirmar esta análise, estão alguns conflitos presentes, potencialmente sérios. Anwar Ibrahim, vice-primeiro ministro da Malásia disse à revista Time que se a taxa de crescimento da Malásia caísse abaixo dos 5% num futuro próximo, poderiam voltar a acontecer distúrbios racias. Devemos lembrar-nos que a última vez que a Malásia teve este género de conflitos foi em 1969. A Indonésia tem um grau de instabilidade muito maior. Teoricamente, na situação social e política presente, um crescimento menor terá um efeito muito pior. Foi apenas há meses que hostilidades inter-étnicas surgiram em Kalimantan Oeste, Tasikmalaya, Rangkasdenglok e Ujung Pandang, deixando centenas de pessoas mortas e propriedades destruídas.

Além disto, temos a deterioração das relações entre muçulmanos e cristãos, que chegaram ao seu ponto mais baixo da história recente da Indonésia. Apesar do prestígio e influência de intelectuais muçulmanos como Abdurrachman Wahid e Nurcholish Majid que falam em pluralismo de credos e de expressão política, a fragmentação social causada pela dominante economia de mercado gerou uma forte necessidade de um maior sentido de comunidade. Logo, emergem revivalismos religiosos, tanto muçulmanos como cristãos, algumas vezes com visíveis contornos de fanatismo e violência. Os incêndios de Igrejas estão a tornar-se frequentes. A resposta do governo tem sido, no mínimo, confusa. Algumas vezes optou por acções altamente repressivas, outras foi totalmente oportunista. Claro que nem tudo é negativo e ineficaz, mas a animosidade religiosa tem-se gradualmente espalhado nos corredores das burocracias civis e militares. É muito tentador usar o sentimento religioso para mobilizar apoios e fortalecer posições políticas. A intolerância tem os seus encantos, mas é escusado dizer que é uma estratégia perigosa. Na falta de desafios sérios do exterior - uma vez que mesmo os mais tímidos movimentos da oposição são regularmente esmagados - a corrida ao poder tornou-se um jogo exclusivo de ministros, dirigentes do Golkar e altas patentes militares. Permitir que questões religiosas influam na intriga política inevitavelmente traz mais desistitucionalização da burocracia. A capacidade de gerir conflitos será em breve nula.

Enquanto isso, o século XXI verá ainda mais competição internacional para gerar crescimento. A abertura da China está a fornecer ao investimento global uma nova oportunidade para encontrar mão de obra barata, um vasto mercado nacional e um grande número de trabalhadores qualificados em sistemas de produção industriais.

Não devemos esquecer que a China tem melhores recursos humanos que a Indonésia. Tem não só atletas e cineastas de nível mundial, mas também cientistas e técnicos capazes de produzir armas nucleares e foguetões para lançar satélites. Para manter a sua capacidade competitiva relativamente a países como a China e o Vietname, a Malásia tem-se preparado criando de forma sistemática uma força laboral melhor qualificada. Cada ano Kuala Lumpur envia 40.000 estudantes para o estrangeiro para frequentarem cursos de formação avançada a vários níveis e em várias disciplinas. Segundo um relatório, tem correntemente 500.000 engenheiros, 200.000 dos quais com certificados internacionais. Ao contrário, a Indonésia, com uma população dez vezes superior, tem apenas 85.000 engenheiros e só 1% deles com qualificação equivalenet aos Malaios. Os Filipinos começaram este processo ainda antes. Profissionais filipinos podem facilmente arranjar empregos como gestores de topo em outros países, incluindo na Indonésia. A Tailândia, com muito maior rendimento per capita e mais empresários experientes, criou também uma larga reserva de talentos para o seu sector privado e instituições educativas. As suas reformas democráticas trouxeram políticos novos e com formação superior que podem, um destes dias, gerir o país. Estas pessoas, como Mahatire Anwar Ibrahim da Malásia, são uma elite política testada por um longo e tortuoso processo negocial com os seus apoiantes e adversários. São por isso dirigentes e não meros subordinados promovidos pela lealdade aos seus superiores. São duma natureza totalmente diferente da de Habibie, Harmoko, Hartono, e o resto da nata política indonésia.»

AS BOAS NOTÍCIAS

«No caso de ter desenhado um cenário demasiado negro para ser útil, permitam-me que sublinhe que nem tudo está perdido. Há alguns anos, numa conversa após uma entrevista à Tempo, Lee Kuan Yew disse-me que o problema com um partido dirigente que está há muito tempo no poder é que já só atrai jovens à procura de uma subida rápida nas suas carreiras. As pessoas com boas qualidades de liderança e forte carácter preferem na maioria ficar de fora. Na minha experiência de trabalho com jovens encontrei muitos que se encaixam na descrição de Lee Kuan Yew. Estão empenhados em trabalhos fora e mesmo contra o sistema. Acreditam que esta é uma forma de rectificar os erros perpetuados por anos de corrupção incontrolada. E não querem manter-se escondidos. Um dos slogans que usam frequentemente é "Não amaldiçoemos apenas a escuridão, acendamos uma vela". Sabem que este trabalho de acender velas leva muito tempo a ter efeitos, mas querem criar um movimento político genuíno e estão dispostos a pagar por isso um preço, uma vez que só chegando ao poder podem transformar o país num lugar onde seja possível governar bem. Estão a aprender a construir redes e a criar apoios substanciais para os seus ideais. Sabem que há lições a tirar doutros movimentos pró-democracia e dos seus erros do passado, nomeadamente que são, enquanto grupo, vulneráveis à discórdia. Estão a formar-se a si próprios nas capacidades de negociação, tentando chegar a pessoas de diferentes formações e credos. Felizmente, os melhores deles abominam a intolerância racial e religiosa.

Vivendo muito perto dos pobres - muitos deles são jovens inteligentes filhos das classes desfavorecidas - escolhem os seus locais de actividade em bairros degradados. Conhecem por experiência própria a urgência dos Direitos Humanos básicos e a justiça social não é importada dos livros ocidentais, vem da vida do povo. Claro que todos sabemos que há ainda muito caminho a fazer antes que eles possam ter sucesso. Claro que eles podem falhar. Mas estão a gerar esperança.

Como podem ver estou a falar de esperança como algo diferente da usual metáfora da luz ao fundo do túnel. Como disse Lu Xun, um escritor chinês, "A esperança é como um caminho no campo, no início não há nada mas depois de muita gente passar está criado".

Um dos muitos jovens que está a caminhar para criar esperança é Budiman Sudjatmiko. Ele, como Dita Sari e outros, está agora preso por não querer ser apenas uma dócil replica dos que estão no poder. Ele e os outros pertencem a um grupo indefinido em crescimento a que chamam "Pergerakan", uma palavra que foram buscar ao movimento nacionalista indonésio. São eles que me fazem orgulhoso de ser hoje indonésio, apesar do meu usual pessimismo. Os seus nomes são as nossas boas notícias.»

***

Artigo publicado na *Ampo, Japan Asia Quarterly Review*, nº1, vol. 28, de 1997. Os subtítulos são da nossa responsabilidade.

BRASIL: ENLACE MUSICAL

Inspirado no pressuposto de que os países lusófonos têm em comum não só a língua mas também uma identidade poética, melódica e rítmica e que a solidariedade com Timor Leste também se materializa em acções de cariz cultural, Sérgio Gomes, jornalista brasileiro ligado ao centro paulista OBORE, de apoio a jornalistas, decidiu pôr de pé o projecto "Enlace". Trata-se de um projecto cultural não lucrativo baseado numa compilação de canções que melhor expressam a identidade cultural dos países lusófonos.

Da ideia inicial, da responsabilidade de participantes no 2º Congresso Internacional de Jornalistas de Língua Portuguesa, realizado no Rio de Janeiro em Dezembro de 1994, que apontava para a edição de somente um CD, denominado "Enlace por Timor", com músicas de cantores de todos os países lusófonos, decidiu-se agora pela edição do CD "O Mar", cuja produção é da responsabilidade do OBORE. Este foi apresentado no decorrer do 3º congresso, realizado em Lisboa em Abril de 1997, e materializou-se como o primeiro trabalho do projecto "Enlace".

Com uma edição de 10.000 exemplares cobrirá um público-alvo que inclui embaixadas, universidades, jornalistas, etc.

"O Mar" inclui gravações dos brasileiros Paulinho da Viola e Marisa Monte, da cabo-verdeana Cesária Évora, dos portugueses Madredeus, dos angolanos Bonga e Felipe Mukenga e da Orquestra "Estrela da Marrabenta" de Moçambique. Timor Leste estará presente com um tema instrumental da música tradicional do território, denominado "Beira Mar".

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-2ª E, 1050 Lisboa, Tel.: 3172 860, Fax: 3172870
E-mail: cdpm@esoterica.pt; URL: http://cygnus.ci.uc.pt/~cdpm/index.htm
IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317